

AS REPRESENTAÇÕES MESSIÂNICAS DA GUERRA DO CONTESTADO, NA MEMÓRIA DO PERSONAGEM GERD RUNNEL EM O *BRUXO DO CONTESTADO* DE GODOFREDO OLIVEIRA NETO.¹

Elisandra Maria Moreira²

Sérgio Roberto Massagli³

Resumo: Durante a leitura do romance *O bruxo do Contestado*, de Godofredo Oliveira Neto, pode-se vislumbrar as representações messiânicas da Guerra do Contestado presentes nas memórias e falas do personagem Gerd Runnel. O personagem rememora o passado turbulento da guerra, é o guardião de memórias, sempre esperançoso mantinha-se firme na crença e na espera da chegada do messias, sonhava e idealizava uma vida próspera no Contestado. Propõe-se uma análise dessas representações e rememorações, examinando as relações entre a história e memória, valendo-se da leitura de textos teóricos de Walter Benjamin e Linda Hutcheon, e com base na tomada de consciência através do processo que autores como Marianne Hirsch e Beatriz Sarlo denominam “pós-memória”. Assim, buscaremos compreender o estado da memória procurando reconstruir o passado e ressignificando-o, por meio dos conceitos elaborados por Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur, para então compreender como Gerd resgata essa memória messiânica, tratada por Maria Isaura Queiroz, durante a narrativa do romance.

Palavras-chave: Literatura. História. Memória. Guerra do Contestado. Messianismo.

Resumen: Durante la lectura del romance *O bruxo do Contestado*, de Godofredo Oliveira Neto, se puede vislumbrar las representaciones mesiánicas de la Guerra del Contestado presentes en las memorias y hablas del personaje Gerd Runnel. El personaje rememora el pasado turbulento de la guerra, él es el guardián de las memorias, siempre esperanzado se mantenía firme en la creencia y en la espera de la llegada del mesías, soñaba e idealizaba una vida próspera en el Contestado. Se propone el análisis de esas representaciones y rememoraciones, examinando las relaciones entre la historia y la memoria, valiéndose de la lectura de los textos teóricos de Walter Benjamin y Linda Hutcheon, y con base en el tomo de conciencia a través del proceso que los autores como Marianne Hirsch y Beatriz Sarlo denominan “post-memoria”. Así, buscaremos comprender el estado de la memoria y buscando reconstruir el pasado y ressignificándolo, por medio de los conceptos elaborados por Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur, para entonces comprender cómo Gerd rescata esa memoria mesiánica, tratada por Maria Isaura Queiroz, durante la narrativa del romance.

Palabras-llave: Literatura. Historia. Memoria. Guerra del Contestado. El Mesianismo.

¹Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Licenciatura em Letras: Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Realeza/PR.

²Acadêmica da 9ª fase do Curso de Licenciatura em Letras: Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Realeza/PR. lisyymaria28@hotmail.com

³Professor Doutor do Curso de Licenciatura em Letras: Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Realeza/PR. sergio.massagli@uffs.edu.br

Introdução

Por meio de um estudo sobre a Guerra do Contestado (1912-1916), podemos compreender questões sociais daquele momento, em que a República, recém-proclamada, suprimiu violentamente movimentos reivindicatórios da população cabocla desalojada de suas terras pela construção de uma ferrovia e pelos interesses da indústria madeireira. Essa guerra foi um período turbulento, ocorrido na região sul do país, envolvendo os estados de Santa Catarina e do Paraná. A população cabocla insurrecta foi reprimida e em grande parte dizimada pelas armas dos grandes coronéis e forças militares da época.

O conflito conhecido como a Guerra do Contestado é um desses acontecimentos trágicos da história que até hoje inquieta os mortos. O evento foi marcado por episódios violentos devido a sua situação de fronteira, aos movimentos migratórios de colonização e à ausência do poder regulador do Estado. Soma-se a isso a influência subterrânea da religiosidade popular que, em face de uma situação de precariedade econômica, social e institucional, contribuiu para dotar o movimento dos insurgentes de um forte sentido messiânico. Em suma, tratou-se de um evento histórico complexo, que envolveu religião, política, exploração econômica e disputas territoriais.

Dois aspectos confluem-se, quando se traça um panorama da região do Contestado: de um lado, grande parte do oeste de Santa Catarina - a região entre o Vale do Itajaí, Planalto Serrano e a fronteira com a Argentina – permaneceu, até a segunda década do século XX, com baixa densidade populacional, viviam ali indígenas e caboclos; de outro lado, houve uma indefinição territorial tanto na disputa de fronteiras com a Argentina, quanto no litígio de limites de terras entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Os dois estados da federação travaram uma longa batalha jurídica e política pela posse desse território, iniciada no período do Império e prolongada na República até o ano de 1917, quando foi feita a

demarcação definitiva da região em litígio. Essa querela jurídica sobre a divisa territorial na região contestada é apontada frequentemente como um dos os elementos disparadores do conflito.

Este trabalho visa contribuir para a recuperação da memória desse povo que lutou enquanto teve forças, sempre guiado pela fé e esperança, nas figuras dos Monges que perambularam pela região pregando suas mensagens messiânicas. Ao retomar esta parte da história, por meio do romance *O Bruxo do Contestado*, procura-se, sobre uma nova óptica, desenterrar memórias que ficaram por muito tempo esquecidas no inconsciente da população e na historiografia.

Guerra do Contestado: uma contextualização histórica do movimento.

A Guerra do Contestado foi uma das maiores guerras civis do continente americano e teve como principal marca o genocídio de centenas de famílias caboclas. Foi um conflito que marcou profundamente a vida da população que viveu e ainda vive na região Contestada. O fato histórico tem registro entre os anos 1912 e 1916, tendo como cenário, uma área povoada por sertanejos, entre a região noroeste do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. O movimento foi alimentado por fatores de ordem social, política, econômica, cultural e religiosa. Os sujeitos que povoavam estas regiões eram muito pobres, não possuíam terras, sofriam com a escassez de alimentos e viviam dentro de um contexto opressivo, pois o poder estava concentrado na mão dos grandes fazendeiros, e de duas grandes empresas americanas que possuíam empreendimentos nesta região, que estavam construindo a estrada de ferro São Paulo - Rio Grande.

A construção da estrada de ferro expulsou a população sertaneja que vivia naquelas terras e, segundo as empresas, ocupavam-nas ilegalmente. Os sertanejos ficaram revoltados com o acontecimento e voltaram-se contra as multinacionais, os governos e as oligarquias, dando origem à Guerra do Contestado. O único apoio que os sertanejos obtiveram foi dos monges, que peregrinavam pela região levando a palavra de Deus e curas a esta população, que passou a admirá-los e respeitá-los, depositando neles a esperança de dias melhores, encontrando o apoio que não recebiam das forças do estado.

Este movimento social messiânico organizado pelos sertanejos, assemelhou-se à Guerra de Canudos (1896-1897). Diferentemente da comunidade de Canudos, centrada na liderança do Conselheiro, segundo Fraga (2012) a comunidade dos sertanejos do Contestado teve como inspiração três monges peregrinos. Primeiramente há relatos da passagem de João Maria de Jesus, cujas práticas eram de orações e curas, dividia o que tinha e o que ganhava, arrebanhando uma multidão de seguidores. Durante sua peregrinação pela região levantou cruzes, que chegaram a dezessete, segundo relatos. Supõe-se que em algumas de suas andanças tenha desaparecido.

A população, esperançosa, aguardava o retorno do monge. A segunda visita mística que receberam foi de Atanás Marcaf, que também usava o nome de João Maria de Jesus. Dizem que desprezava as coisas materiais, bem com o regime republicano e fazia inúmeras profecias. As pregações que o monge fazia distinguiam-se muito das que eram feitas pelos padres que chegavam à região. O monge não realizava cobrança alguma, aconselhava a população, fazia suas curas e orações gratuitamente, seus discursos estavam coerentes com a vida simples do camponês, e a cada dia mais ganhava seguidores. Seu desaparecimento também é uma incógnita, alguns afirmavam que ele morreu em um hospital na região norte do Paraná, e outros que ele apenas tenha se retirado, pois não acreditavam que uma figura santa pudesse morrer (FRAGA, 2012).

O terceiro monge tratava-se de um ex-soldado paranaense, José Maria de Santo Agostinho. Este foi um agente catalisador do descontentamento popular. Ex-militar, ele mostrou ao povo da região do contestado que eles deveriam unir forças e lutar. José Maria defendia a igualdade social e ignorava qualquer ordem que partisse da República Velha. Ele percebeu a fragilidade e falta de assistência daquela população, teve uma postura solidária acolhendo-os e defendendo o interesse dos mesmos, tal postura fez com que o governo federal não visse com bons olhos o seu trabalho.

O início desses movimentos na região sul preocupava os poderosos governantes, principalmente pelos ideais defendidos pelos camponeses, que buscavam estabelecer uma nova ordem social, mais justa e igualitária, rompendo

com os abusos e opressões que dominavam a região (FRAGA,2012). A ideia de monarquia defendida pelos trabalhadores residentes na região do Contestado deve ser compreendida como um modelo idealizado de sociedade baseada em valores e costumes anteriores à forma republicana de vida vivida por eles e da introdução das companhias imperialistas no local (CARVALHO, 2008). O monge e seus seguidores sofreram severas repressões tanto pelas multinacionais quanto pela guarda armada do governo federal. O objetivo da repressão era pôr fim aos povoados sertanejos obrigando-os a se evadirem das regiões que haviam tomado posse (AMADOR e TOKARSKI, 2011). Posteriormente, por ocasião do primeiro confronto com as forças do governo e dos coronéis da região, o monge acaba sendo morto e os sertanejos passam também a crer no seu retorno.

Amador e Tokarski (2011) afirmam que mesmo diante da morte do seu líder os sertanejos não pensaram em se render. Ao contrário, a ideia pelo que se sabe era de continuar lutando, e assim o fizeram, partiram para o extremo e deram início a uma guerra civil. Isso serviu para endurecer ainda mais as forças dominantes, que imediatamente buscaram maneiras de destruir a organização sertaneja, antes que os revoltosos percebessem que poderiam romper com o capitalismo embrionário que se estabelecia na região.

O governo federal buscou maneiras de destruir o movimento e organizou uma ação com toda a sua força armada de guerra, com um poder bélico nunca antes utilizado no país, culminando assim na rendição dos rebelados e em muitas mortes, pois os sertanejos, mesmo não tendo toda a força dos adversários, resistiram bravamente antes de se darem por vencidos. O acontecimento histórico da Guerra do Contestado influencia ainda hoje o cenário socioeconômico das regiões contestadas dos estados envolvidos, contribuindo para a construção identitária regional e cultural destes Estados.

***O Bruxo do Contestado*: romance metaficcional como artifício de resgate da memória messiânica.**

O *Bruxo do contestado* é uma obra pertencente ao gênero chamado metaficção historiográfica (GOSS, 1999; BARBOSA, 2011; LESSA, 2011), por se tratar uma narrativa híbrida de história e ficção, na qual a historiografia tradicional é subvertida pelas diferentes formas de narrar, apesar de se apropriar de personagens e momentos históricos. Trata-se de um romance autoreflexivo, que estende um novo olhar para os fatos e nos permite reconstruir sob novas perspectivas um passado problemático, no caso o passado histórico da Guerra do Contestado. Nesse romance, a história já não pode mais ser concebida como discurso do contínuo, do idêntico, mas é o próprio espaço da dispersão, ela se constrói por fatos que privilegiam os objetos que ou foram ou ainda são marginalizados ou desconsiderados pela história oficial.

A metaficção historiográfica reinventou o romance histórico, reformulando as suas convenções e estratégias. Assim, pode-se dizer que o revisionismo histórico praticado pela literatura tem um duplo objetivo: requestionar as versões tradicionais da identidade coletiva e ao mesmo tempo prover de sentidos as lacunas do passado ignoradas até aqui pelo discurso histórico oficial. Ao falar em coletivo e em Guerra do Contestado, não se pode esquecer de uma das características fundamentais que permearam o movimento: o messianismo. Os líderes messiânicos conduziam a viabilização de uma nova vida coletiva, tendo como intuito a “salvação coletiva” em detrimento da salvação individual. Ou seja, a dinâmica do movimento envolve o grupo e não o indivíduo, envolve a história de um grupo a partir de suas relações sociais e não a história de uma personalidade individual.

O romance de Godofredo de Oliveira Neto foi publicado em 1994 e traz traços da ficção que começou a ser produzida na década de oitenta, que incorporou verdades da história social e política em seus enredos. O autor, ao seguir pelo caminho da ficção histórica, abre mão de compromissos mais sérios com a verdade histórica, e pode, assim, formular estratégias mais comprometedoras no que tange à denúncia de erros e silenciamentos da história.

A narrativa é apresentada em curtos capítulos narrados por Tecla Jonhasky, uma intelectual vivendo em estado terminal em um hotel em São Paulo no decorrer de 1981. A escrita da narrativa primária, em que Tecla reflete sobre a própria história que está escrevendo, aparece grafada em itálico no romance. A narrativa secundária, mais longa e que compõe o grosso do material narrado, tem como espaço principal a comunidade de Alto Diamante e os fatos narrados coincidem com o período da Segunda Guerra Mundial, de modo que podemos perceber três temporalidades distintas que se inter-relacionam no romance: o tempo da narração e da primeira narrativa (1981), o tempo dos eventos narrados e da segunda narrativa (1942-1945) e o tempo da Guerra do Contestado, que atravessa todo o romance (1912-1915). Este último é aquele que proporciona o tema fundante das narrativas posteriores – a Guerra do Contestado, mas não é acessado no romance senão como fatos de memória que são resgatados pelos personagens. Nenhuma cena, nenhum fato relativo ao conflito é apresentado senão como memória de terceiros, que não vivenciaram ou presenciaram os acontecimentos.

As memórias mais importantes acerca do conflito ocorrido no início do século XX são vocalizadas no romance por Gerd Runnel, um personagem de origens alemãs, cuja presença é percebida no decorrer de toda a narrativa. Portanto, é por meio dele que se torna possível fazer um resgate de memórias históricas sobre a Guerra do Contestado. Gerd não vivenciou de fato a guerra, apesar de podermos perceber claramente o anseio de querer ter participado. Porém, muito ouviu falar sobre os combates do Contestado por meio de memórias que tiveram uma relação direta e afetiva, com o seu passado pelo que ouviu de seus familiares e conhecidos da vizinhança.

Beatriz Sarlo, em *Tempo Passado – cultura da memória e guinada subjetiva*, logo no início do Capítulo 5 “Pós-memória, reconstituições”, menciona o questionamento feito por James Young, sobre a dupla utilização do verbo lembrar, que torna possível o deslocamento entre “lembrar o vivido e ‘lembrar’ narrações ou

imagens alheias, e mais remotas no tempo” (SARLO, p.90). Esse segundo uso de lembrar denuncia o caráter vicário dessa memória indireta, construída a partir não de experiências vividas, mas de relatos ouvidos de outrem. Em *O Bruxo do Contestado*, o personagem Gerd nutre uma profunda simpatia pelas figuras dos monges, pelo conflito e seus participantes, sem jamais ter tomado parte ou presenciado o evento.

Paul Ricoeur, em seu livro *A memória, a história, o esquecimento*, intitula o primeiro capítulo como “Da memória e da reminiscência”, em que se preocupa com a representação do passado pela memória, e afirma que, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança. Tal lembrança exige um esforço que faz com que busquemos tal conhecimento obtido anteriormente que está agora guardado na memória. Esse passado é sempre conflituoso, segundo Sarlo, pois nem sempre a história consegue acreditar, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança. No caso de *O Bruxo do Contestado*, temos as cartas/diário de Tecla, que dão um toque de veracidade na narrativa do livro.

As memórias apresentadas no romance, embora pareçam reais, são fictícias. Sarlo (2007), por sua vez, ainda avalia as narrativas e o surgimento de “(...) novas exigências e métodos que tendem à escuta sistemática dos “discursos de memória: diários, cartas, conselhos, orações” (p. 57-59), enfim, forma o que podemos encontrar dentro do romance *O Bruxo do Contestado*, como as cartas de Tecla, e as lembranças do personagem Gerd Runnel, assim podemos então perceber o jogo metaficcional com a narrativa proposta por Oliveira Neto.

A narrativa do romance tem seu foco na exposição de vivências na forma de discursos subjetivos, como os relatados por Gerd, e em cartas escritas por Tecla, ou seja, as experiências compartilhadas são atribuídas de significação ao rememorar a experiência de gerações anteriores. A isso empregamos o conceito de pós-memória, postulado pela estudiosa Marianne Hirsch, que consiste na rememoração de

lembranças de gerações anteriores num processo de memória de ligação, como o que se estabelece no romance pelos personagens Gerd Runnel e Tecla.

Hirsch concebe o conceito de pós-memória como “uma estrutura de transmissão inter e trans – geracional de conhecimento traumático de ponta e experiência”(HIRSCH, 2011, p. 2), ou seja, procura explicar a transmissão de uma memória transmitida aos que não vivenciaram os fatos, mas que por meio do relato enriquece o contato ou experiência com o fato ocorrido, fazendo com que o discurso narrativo deixe de ser somente um recurso literário, e se transforme em experiências cognitivas de formação de identidade. Segundo Halbwachs (2006) as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada.

As relações de Gerd Runnel com o messianismo dentro da narrativa de *O Bruxo do Contestado*.

Na região do Contestado, como anteriormente já foi dito, praticamente inexistia a presença do Estado para o estabelecimento das regras, bem como para a garantia do seu cumprimento, e a Igreja Católica, tida como principal instituição religiosa do Estado Brasileiro, não se fazia presente. Isso devido ao difícil acesso, pela falta de meios de transporte e, além disso, pelos inúmeros conflitos pela terra que tornavam a região perigosa e dificultavam a presença dos padres para a celebração de missas, casamentos ou batizados dos moradores. Ademais, a ausência de assistência médica permitia que curas fossem realizadas através dos benzimentos, rezas e do uso das ervas medicinais, e que os líderes espirituais passassem a ter seu espaço dentro da comunidade (QUEIROZ, 1981). Esta ausência de uma instituição religiosa facilitou e permitiu que esses elementos constitutivos da religiosidade popular se instalassem na região.

O vazio deixado pelo Estado e pela Igreja Católica foi ocupado pela presença dos monges que em épocas diferentes passaram e temporariamente fixaram moradia na região. Possuidores de conhecimento de rezas, ritos cristãos e ervas que curavam, constituíram-se como verdadeiros líderes na comunidade. Possuíam certo saber retórico, e instigavam os sertanejos da região quanto à ocupação das

terras, bem como contra as práticas instituídas pelos coronéis da região e pelo Estado Republicano (CEZINI,2008).

No Romance *O Bruxo do Contestado*, Godofredo Oliveira Neto aborda questões históricas que há muito foram silenciadas. A narrativa não resgata somente o processo de colonização e formação cultural da região sul e reaviva o episódio sangrento da Guerra do Contestado, mas também enfoca o fascismo, desigualdades sociais, o papel da mulher e o messianismo. Gerd Runnel, neste romance, é aquele que guarda as memórias históricas, é ele quem rememora o passado turbulento da Guerra do Contestado. A Memória dele pode ser traduzida como as reminiscências do passado, que afloram em seu pensamento no decorrer do romance, armazenando dados e informações referentes a fatos vivenciados no passado.

A relação de Gerd com os acontecimentos ocorridos em 1915 é fonte de suas lembranças da adolescência, quando seu primo Rodolfo, vai lutar no Contestado: “O Rodolfo vai para o Oeste! O Rodolfo vai para o Oeste! Vai se juntar aos monges milagreiros, ouviu um dia numa festa de casamento. Rodolfo, sete anos mais velho, partia para se juntar ao exército de São Sebastião na região do Contestado”(OLIVEIRA NETO, 1996, p. 20).

Gerd mantinha-se firme na crença e na espera de seu messias, sonhava e idealizava uma vida próspera no Contestado, lugar onde “só havia fartura e alegria. Injustiça passava longe! Enfermidade nenhuma, só se viesse de fora! Era o reino da paz, da justiça e da fartura - nos rios corria leite, e algumas montanhas eram de beiju” (OLIVEIRA NETO, 1996, p.20).

Consegue-se vislumbrar e perceber, nos pensamentos de Gerd, a força de sua crença. “Gerd só ouvia. O exército de três mil homens, comandado por José Maria, ia descer dos céus. Aquilo não era passado, e era bom. Nem Frau Bertha parecia saber disso” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 162) Possuía uma visão de um lugar realizado, igualitário em que todos viveriam plenamente como em um paraíso sob as bênçãos dos monges.

Gerd julgava que o movimento do Contestado seria a única solução para todos os problemas político-sociais e, até mesmo os pessoais. Percebe-se que por muitas vezes, durante a narrativa, Juta, a esposa de Gerd, tenta trazer o marido

para o plano atual, e argumenta que o Contestado pertencia ao passado e ele devia preocupar-se era com o presente.

E não adianta você ficar assim. Não vai pensar a ferida desse jeito. O Contestado já acabou há muito tempo. Não tem mais campos do Irani nem Taquaraçu. E aquelas pessoas todas já morreram. Deixa elas em paz.[...] Acho que você devia viver aqui mesmo. Neste chão. Nesta vida.[...] Aqueles pobres infelizes do Contestado não tinham lugar pra fazer uma coivara. Por isso invadiam. Nós temos 25 hectares, é diferente. Esquece aquilo Gerd. (OLIVEIRA NETO, p.55)

Beatriz Sarlo (2007) acredita que as experiências sejam o surgimento de um novo fenômeno e seriam, portanto, marcadas pela tentativa de reconstituir a vida através da rememoração da experiência e da revalorização do ponto de vista da primeira pessoa. Para a autora, a relevância do narrador testemunhal pode ser construída na medida em que conseguimos garantir um espaço para essas memórias.

A memória é um bem comum, um dever [...] e uma necessidade jurídica, moral e política. Além da aceitação dessas características, é bem difícil estabelecer uma perspectiva que se proponha examinar de modo crítico a narração das vítimas. [...] esses discursos testemunhais, sejam quais forem, são discursos e não deveriam ficar confinados numa cristalização inabordável. Sobretudo porque, em paralelo e construindo sentidos com os testemunhos [...] emergem outros fios de narrações que não estão protegidas pela mesma intangibilidade nem pelo direito dos que sofreram (2007, p. 47).

A consciência de pertencer a uma realidade desigual cria em Gerd uma inquietação. O cotidiano da família de Gerd na narrativa revela a violência e denúncia dos tempos de guerra, das incoerências da igreja católica, do fanatismo religioso e das diversas formas dos discursos autoritário de poder. Para Gerd, se tratava da mesma condição de desigualdade em que viviam os caboclos do Contestado. Oliveira Neto aponta em seu romance para a permanência no tempo desse abandono, o que justifica a atitude de espera em que vive Gerd.

A igreja católica não dava conta dos anseios dos caboclos[...] A religiosidade de José Maria tinha sentido prático no dia a dia dos sertanejos e na união frente a uma nova realidade econômica. A igreja só prometia o céu depois da morte; em vida, o caboclo famulento podia ficar no inferno. (OLIVEIRA NETO, p.46)

Gerd sonhava com o Contestado fraterno, igualitário, mas o que encontrava ao seu redor era distinto do idealizado. Gerd carregava traumas da infância, marcado pelas constantes agressões que recebera do pai e da madrasta. Cresceu sem perspectivas e desenvolveu uma obsessão pela vida no Contestado e pelo monge José Maria. Seus discursos sempre enfatizam as coisas boas que havia naquele lugar, ele ignorava os problemas sociais do Contestado, como o fanatismo, a violência, por exemplo.

Planos individuais para o futuro, Gerd pouco os tinha. Quer dizer, até teve! Mas foi o único.[...] Se pudesse ir dentro daquela mala! Diziam que os campos de Irani de arraial de Taquaraçu, no Contestado, graças ao Monge José Maria, só havia fartura e alegria. Injustiça passava longe (OLIVEIRA NETO, p.20-21).

Para Gerd era dificultoso pensar e agir sem as lembranças do Contestado, pois não conseguia ser feliz com a vida que tinha. Por muitas vezes colocava em sua filha as revoltas e os desgostos da vida, chegando muitas vezes a afirmar que Rosa era sua maior tristeza, ou seja, culpabilizava a menina pela sua não superação e aceitação da realidade. Certa vez, durante uma crise nervosa, bateu impiedosamente em sua filha. Após recuperar o controle sobre si, sentiu-se tão culpado que, julgando-se censurado por João e José Maria, acreditou ser indigno de participar de tão perfeita civilização.

A crença da chegada de um emissário nas terras contestadas durante a Guerra do Contestado deu força ao movimento messiânico, tinham expectativa de que a sua chegada poria fim à opressão, e instaurar uma nova era de virtude e justiça (NEGRÃO, 2001). Os monges tinham a confiança dos sertanejos, a população recebia um alento desses profetas, pois, segundo relatos, eles eram instrumentos divinos de cura, aconselhamento, orientação e outros. A forma usada pelos monges eram as pregações e as visitas, esperadas com grande fervor espiritual pelos caboclos (FRAGA, 2012).

Nos tempos do Contestado os acampamentos e os exércitos de fanáticos receberam visita de um frei que buscava estabelecer um acordo entre eles, visando

evitar o derramamento de sangue; todo esforço, porém, foi em vão. Por ali também circulava José Maria, uma figura mística que apareceu na região logo após o desaparecimento do monge João Maria. O frei e o monge José Maria disputavam a preferência religiosa dos jagunços:

Os padres franciscanos [...] tinham vindo da europa com o Frei Rogério Neuhaus [...] que esteve várias vezes no acampamento do general Setembrino em Canoinhas.[...] Encontrou-se várias vezes com o monge José Maria. [...] Mas o José Maria ganhava a parada. Com ele os fanáticos tinham coisas imediatas como comida, lugar para dormir, justiça. Frei Rogério oferecia justiça só depois da morte. Os sertanejos também não concordavam em contar os pecados no confessionário um por um, diziam que era melhor se confessarem todos juntos no juízo final. (OLIVEIRA NETO, p.120-121)

O catolicismo oficial romano era visto com desconfiança pelos sertanejos, devido à forma capitalista que usava para atender as necessidades do povo, sem contar que a igreja estava ligada diretamente com a república, que fortemente ameaçava os caboclos. A revolta, o ódio, a humilhação, a perda de terras, as mortes, entre outros tantos fatores, fizeram com que os sertanejos encontrassem motivação no messianismo pregado pelos monges.

Para Negrão (2001), o messianismo implica em uma atuação coletiva. O movimento do Contestado organizou-se ao redor de líderes carismáticos, nas figuras míticas centrais de João Maria e José Maria. De acordo com Gallo (1999), o profeta é um elemento central ao messianismo; é aquele que explica aquilo que os homens se julgam impotentes para explicar e dá esperança àqueles que estão desesperados.

Para Queiroz (1981), o messianismo leva à recusa e alienação do mundo. Percebemos no romance *O Bruxo do Contestado* que a igreja, segundo o narrador, buscava alienar a população: “A resignação provinha do culto protestante todos os domingos às nove horas da manhã, onde se pregavam o apego ao trabalho e o respeito. Pecado era não trabalhar e não respeitar as autoridades” (OLIVEIRA NETO, p.64). O movimento messiânico instaurado no Contestado buscava a criação

de uma nova comunidade que acreditava na transformação sobrenatural do mundo e na identificação do passado, contrapondo o que se pregava nas igrejas da região. “No Contestado, a recusa do mundo assumiu o caráter de idealização de um reino de paz, justiça e fraternidade, expresso no conceito sertanejo de monarquia” (QUEIROZ, p.254).

Gerd nutre uma profunda simpatia pelo conflito e seus participantes, sem jamais ter tomado parte ou presenciado o evento. No máximo, presenciou a partida de um primo para se juntar aos caboclos rebeldes.

[...] [Gerd lembrava-se da cabeça raspada do primo, características dos seguidores de José Maria, do adeus curto, do piso certo e do passo convicto do parente em direção à guerra dos pelados. Durante muito e muito tempo se falou daquela viagem, e os relatos messiânicos sobre a guerra do contestado impressionavam o menino Gerd (OLIVEIRA NETO, p.22-23).

Gallo (1999) argumenta que escrever ou falar sobre a gênese do movimento do Contestado significa caracterizar, também, a gênese de outros movimentos milenaristas-messiânicos. Pois estes se constituem como fenômenos que, apesar de eclodirem subitamente, vão-se gestando durante anos e, embora nem sempre tenham uma configuração idêntica, reproduzem, na sua repetição no tempo, certos temas, como [...] a reunião de gente, as profecias, com relação ao tempo presente e a promessa com relação ao tempo futuro. (p.25).

Ao longo de todo o romance, Gerd sempre encontra um meio de associar qualquer situação de sua vida ao Contestado, demonstrando como o mundo vivenciado por ele é preenchido de injustiças e sofrimentos, algo que nunca ocorreria no Contestado. A chegada do messias, seja ele qual fosse, viria a cumprir plenitude da expectativa das pessoas. Segundo Queiroz (1977) o termo “messianismo” pode designar dois fatos sociais diferentes, da seguinte forma:

A crença na vinda de um enviado divino, que trará aos homens justiça, paz e condições felizes de existência; 2) a ação de um grupo obedecendo às ordens do líder sagrado, que vem instalar na terra o reino da sonhada felicidade. A crença nasce do descontentamento, cada vez mais profundo, de certas coletividades, diante de desgraças ou de injustiças sociais que as

acabrunham; afirma formalmente a esperança numa transformação positiva das condições penosas de existência a se produzir[...] (QUEIROZ,1977, p.383).

O Contestado, o monge e sua gente, fazem parte do imaginário e preenchem os diálogos dos demais personagens demonstrando como pode ser diversificada a interpretação do fato. Em um desses exemplos, Gerd está tomando conta do churrasco de uma festa na igreja, quando escuta a conversa de alguns casais jovens que falavam entre si sobre o Contestado. Ao iniciarem a conversa, um deles pensa que o Contestado jamais existiu, pois era fruto da imaginação de Gerd: “— Acho que esse negócio de Contestado e campos do Irani nunca existiu. O Gerd às vezes é meio doidinho, por isso chamam ele de Bruxo do Contestado.” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 71).

Outra personagem do romance, a senhora Bertha Elke Heinzen, que possuía grande influência e posses, apresentava uma visão diferente do Contestado, quando, em conversas com Gerd, falava sobre o movimento. A senhora Bertha afirma que a ideia da Guerra do Contestado fora apenas fruto da insatisfação popular, devido à falta de justiça e instrução naquela região. Ela ainda fala sobre a organização dos sertanejos, “Tinha uma organização militar, estratégias de luta, recrutavam pessoas, como poderia ser só por raiva? Com raiva não se tem organização! Era um movimento mais político que messiânico.” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 161).

As lembranças e conhecimentos de Gerd e sua família sobre o Contestado, somam-se às alusões ao fascismo e ao nazismo (1919-1939) que chega à região do sul do país, por meio da imprensa e de algumas resoluções governamentais. A região Sul era fortemente caracterizada pelas colônias de alemães e de italianos, que no romance representam-se pelos personagens Otto Undereich e Victor Bonnatti, que no decorrer da narrativa sofrem de preconceito, racismo e radicalismos nazifascistas.

Na narrativa de *O Bruxo do Contestado*, destacam-se outras vozes, não somente a de Gerd, que retomam fortemente a presença dos monges já desaparecidos. O filho de Bertha, Dieter, em conversa com Ênio, um amigo da família, diz:

— Mas não pode deixar aquele nazifacismo louco se espalhar pelo mundo, seu Ênio, não pode e, claro, também não pode ficar esperando a chegada do Exército de São Sebastião comandado pelo monge José Maria. Contestado daquele jeito não interessa a ninguém (OLIVEIRA NETO, 1996).

Dieter faz parte de uma organização chamada GDD — Grupo de Defesa da Democracia — organização que patrocina seminários contra o fascismo e o nazismo. A postura expressa na fala de Dieter é política, e, apesar de transparecer a admiração que o movimento do Contestado inspira, afirma que há de se deixar de lado o traço do fanatismo.

Considerações Finais

A literatura e história são narrativas que tem o real como referente, seja para confirmá-lo ou negá-lo, são representações que se referem à vida e que a explicam, ou seja, ambas se manifestam como discursos sobre o passado e, como construções discursivas, são altamente convencionais e nada transparentes como afirma Hutcheon, quando diz que

obtem suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. (HUTCHEON, 1991, p. 141).

A Guerra do Contestado foi um importante acontecimento para a nossa história republicana, fruto de um abandono do Estado sobre a região e do progresso capitalista através da implantação de empresas multinacionais, gerou um deslocamento das relações sociais até então vigentes nas comunidades que ali habitavam (CEZINI, 2008).

Segundo Polese (2010) os monges que peregrinaram pela região sul do país atuaram de maneira determinante na Guerra do Contestado, emprestando nuances de religiosidade e misticismo à questão de demarcação de limites e imposição do poderio estrangeiro. Suas presenças preencheram de significado algo que há muito tempo era esperado pela população que vivenciava diretamente a força e ação do estado, assim como o personagem Gerd Runnel – a esperança de dias melhores.

Dentro do romance *O Bruxo do Contestado*, a memória do Contestado permanece, ainda que ficcionalizada, e sofre possíveis interferências a partir da abertura do imaginário que o romancista proporciona. Segundo Polese 2010, a presença de várias vozes, em diferentes épocas fazem ecoar a presença do messianismo, submetido à fé ou à descrença dos homens, que apossados de discursos de caráter messiânico perpetuam-se como figuras históricas e desdobram-se como figuras ficcionais.

Referências:

AMADOR, Milton Cleber Pereira; TOKARSKI, Fernando Luis. **História do Contestado**. Curitiba: IESDE Brasil, 2011.

BARBOSA, Catia. V. F. **A representação literária da Guerra do Contestado: amálgamas ficcionais em O Bruxo do Contestado**. Terra Roxa e Outras Terras, v. 21, p. 65-75, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CEZINI, Luzia Sonia. **A Guerra do Contestado: para além do Messianismo**. Universidade Estadual de Maringá(UEM), Maringá, 2008.

DOMINGUES, Eliane. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Contestado e Canudos: algumas reflexões sobre a religiosidade**. Memorandum, 8, 38-51, 2005. Retirado em 01/06/2017, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/domingues01.html>.

FRAGA, Nilson César. **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil (1912-2012)**. Florianópolis: Insular, 2012.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. **O Contestado: o sonho do milênio igualitário**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

GOSS, Fernando. **Discursos e narrativas da Guerra do Contestado**. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/81096/299949.pdf?sequence=1>, acesso em 08 maio 2017.

HIRSCH, Marianne. **The generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust**. New York: Columbia University Press, 2012.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo – História teoria ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LESSA, C. F. **A esquizofrenia do escritor**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Batel, v. 1, p.144, 2011.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Revisitando o Messianismo no Brasil e profetizando seu futuro**. Vol. 16. RBCS junho/2001.

OLIVEIRA NETO, Godofredo. **O Bruxo do Contestado**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

POLESE, Edna da Silva. **Movimentos messiânicos na produção ficcional da segunda metade do século XX : a figura do líder** 263 f. – Curitiba, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus Editora/Editora da USP, 1977.

QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social: A Guerra do Contestado**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.